

IDENTIDADE METALEIRA NA CONSTRUÇÃO DE UM ESPAÇO SOCIAL NA REGIÃO DO CARIRI

Cícera Andrade Ferreira de Lima

Graduando em Ciências Sociais pela Universidade Regional do Cariri – URCA/CE
E-mail: cicinha_andrade@hotmail.com

Cláudio Smalley Soares Pereira

Graduando em Geografia pela Universidade Regional do Cariri – URCA/CE
Bolsista de Iniciação Científica do CNPq
E-mail: clasmalley@hotmail.com

Domingos Sávio Cordeiro

Professor Doutor do Curso de Ciências Sociais da Universidade Regional do Cariri – URCA/CE
E-mail: saviocordeiro@gmail.com

Resumo

O presente trabalho apresenta uma análise do comportamento social dos “metaleiros”, um grupo social com específicas práticas culturais e presente em vários lugares do mundo. Os Metaleiros (do original *headbangers*) são indivíduos que aderem a costumes relacionados a um gênero musical que tem origem no rock, mais especificamente ao *heavy metal* e as suas variantes. Objetiva-se com esse trabalho analisar esta forma cultural, sobretudo, do grupo dos metaleiros, na perspectiva da construção de um espaço social pautado na sua identidade. O enfoque bibliográfico parte da literatura que trata de temas específicos a respeito de identidade e de espaço social no universo *heavy metal* e de análise de documentários produzidos sobre os metaleiros. Esse material é cotejado com observações de campo nas cidades de Araripe e Juazeiro do Norte, Sul do estado do Ceará. Busca-se entender o espaço social construído pelos metaleiros a partir de sua identidade e percebe-se, por meio da aproximação empírica, que os metaleiros assumem uma identidade bastante distinta e são reconhecidos como tal. Discute-se como, na construção de um espaço social, esses grupos enfrentam coerções sociais, estigmas e preconceitos que estão além de questões de gosto musical, mas também quanto a indumentária e as suas práticas específicas.

Palavras-chave: Identidade, Espaço Social, Metaleiros

FAN OF HEAVY ROCK IDENTITY IN THE CONSTRUCTION OF A SOCIAL SPACE

Abstract

The current work presents an analysis of the social behavior of particular cultural group: the fans of heavy rock, social group that it's currently in some places of the world. The Fans of heavy rock (of the *Headbangers* original) are individuals who they are part of a specific culture, a referring musical sort to the rock, more specifically to the *Heavy Metal* and its variants. Objective this work, it's to analyze the culture heavy metal, over all, the group of the

fans of heavy rock, in the perspective of the construction of a pouted social space in the fan of heavy rock identity. Through bibliographical revisions that deal with specific subjects regarding identity and social space; analysis sets of documents have produced about the fans of heavy rock and comments have produced in the cities Araripe and Juazeiro do Norte, in the South of the Ceará, one searched to understand the social space has constructed by the fans of heavy rock from their identity. It was perceived trough research that the fans of heavy rock assume an identity and are recognized as such. However, the construction of a social space still is something that it faces some social barriers, the form as they have been seen in some cases, for the society is not positive character, there is a great prejudgement, not only in about to the musical style that tan, but also about their proper clothes, their behavior, it's making that they become a reserved group and without much dialogue with other groups.

Key-words: Identity, Social Space, Fan of Heavy Rock.

Introdução

Não é de hoje que os estudos de culturas é um dos campos predominantes nas Ciências Sociais, sobretudo, como foco da Antropologia, ao abordar culturas de “povos primitivos”, ou “sociedades simples”. Contemporaneamente, contudo, tem se destacado estudos que se voltam para manifestações e grupos culturais no espaço urbano.

Nesse trabalho, abordaremos sobre os “metaleiros”, um grupo urbano que teve ascendência nas últimas décadas, principalmente no período de 1980 a 1990. Neste período, surgiu uma multiplicidade de gêneros musicais para atender a gravadoras e fãs que se interessavam por gostos musicais específicos, em paralelo com as novas e acessíveis formas de lançar bandas e grupos no mercado.

A aproximação empírica, nesse estudo, se deu com a aplicação de entrevistas a pessoas que são fãs do estilo *heavy metal*. Foram entrevistados indivíduos jovens entre quinze e vinte e cinco anos, alguns apenas estudantes (do ensino médio e superior), outros, trabalhadores do setor informal nas cidades de Araripe e de Juazeiro do Norte, região do Cariri, no Sul do estado do Ceará. Estas cidades foram escolhidas por representarem a expressividade do *heavy metal* em cidades de porte médio e pequeno no interior do país. Também foram feitas relações entre as respostas dos entrevistados e o registro da trajetória do gênero musical, para entender como os metaleiros agem na tentativa de construir um espaço social e constituir sua identidade na sociedade contemporânea, considerando os elementos e influências que interferem nas interações grupais e nestas construções espaciais para a vida cotidiana dos seus atores sociais.

Metaleiros, *Headbangers* e o *Heavy Metal*

No léxico, têm-se a definição de “metaleiro” como um tipo de rock com poucos acordes, som distorcido, batida muito forte, tocado em instrumento cujo som é muito amplificado e em que o vocalista explora sons guturais (FERREIRA, 2009). *Metalheads* é a denominação original com que são conhecidos os adeptos deste ritmo musical, traduzidos *ipsi literis* para o português como “metaleiros”. *Headbangers* é a denominação que se dá aos praticantes do heavy metal, ou seja, as pessoas que dançam com uma mímica, cuja característica de destaque é o balançado frenético da cabeça, acompanhando o ritmo da música pesada.

A abordagem do estilo musical *heavy metal* em trabalhos científicos não é de muita expressão no Brasil, encontrando-se poucos trabalhos a respeito dessa variante do rock. Weinstein (1991/2000), Berger (1999), Walsen (1993), Arnett (1996) são exemplos de autores estrangeiros que realizaram pesquisas sobre o tema. No Brasil, destacam-se os trabalhos de Janotti Júnior (1998), Cardoso Filho (2005) e Leão (1997). Existe também uma grande variedade de vídeos e revistas que aborda o rock, a exemplo, a revista Rock Bridge e a Rolling Stone, que são conhecidas nacional e internacionalmente por trazerem matérias sobre as bandas mais badaladas do momento e da história do rock, incluindo as bandas de metal. Estes periódicos abordam assuntos relativos à sexualidade, morte, violência, religião, política dentre outros.

Figuras medievais evocadas pela indumentária e em tatuagens desenhadas pelo corpo, sons pesados, barulhentos, com guitarras distorcidas e vocais rasgados, uma riqueza de imagens calcadas em monstros, teratológicas, crânios e outros elementos ligados à idéia de escuridão fazem com que o *heavy metal* seja um estilo musical frequentemente associado a noções caóticas e anárquicas (JANOTTI JUNIOR, 1998).

Para alguns adeptos e, genericamente, no senso comum, esse conjunto de ícones e ritmos leva a representações que remetem a arquétipos demoníacos e símbolos de ideal anticristo, ou seja, no repertório de práticas da cultura *heavy metal* esses símbolos e imagens são comumente associados a “coisas do mal”, satânicas, que pregam a anticristandade, a marginalidade e o consumo de drogas. Os *metalheads* tendem a ser vistos como “desocupados”, que “não tem o que fazer” e “vivem escutando um som que prega o satanismo”. Estas representações reforçam a tendência ao isolamento dos *metalheads*, que é, por um lado, imputado por outros grupos urbanos e pela sociedade em geral; por outro, desejado e incorporado pelos que fazem do movimento uma alternativa de fortalecimento grupal. Ao vivenciar a agressividade externa, por ser tratado como escória da sociedade, o grupo volta-se para si, refugiando-se nos seus referenciais e parâmetros de valor. O

reconhecimento de que é no grupo que eles são aceitos, torna-se um motivo que fortalece a sua união. Como afirma Simmel, “os fatores conflitantes externos tornam-se um componente para a coesão grupal” (1983, p. 155 seq.).

Primordialmente, os referenciais dos que fazem o *heavy metal* apresentam uma temporalidade fluente:

(...) há uma constante fragmentação (seja na subdivisão de diversos estilos dentro do próprio rock pesado como *black metal*, *death metal*, *doom metal*, *heavy metal clássico* ou da alusão às imagens e letras fragmentadas). Essa característica remete à idéia de uma falta de unidade, perda do referencial temporal: passado, presente e futuro presos em fragmentos do inconsciente coletivo e do imaginário contemporâneo. A falta de um centro pode ser explicitada na idéia de um território simbólico (o mundo semântico do *heavy metal*) e na temática *on the Road*, que remete a um movimento contínuo (uma viagem), sem destino, cujo único objetivo é a necessidade constante de movimento. (JANOTTI JUNIOR, 1998, p. 103) (grifos do autor).

Essa fragmentação de letras e até dos próprios sub-estilos musicais que compõem o *heavy metal* pode ser entendida a partir da situação em que os *healbangers* (adeptos ao “metal”) têm buscado continuamente uma identidade e liberdade de expressão, ou seja, fatores que expressam, paradoxalmente, uma tentativa de desfragmentação. Desfragmentar, aqui, significa unir, reunir e integrar os significados, valores e representações que referenciam a identidade. A ruptura de letras e do *heavy metal* em sub-estilos compõe a forma corporal indumentária e, assim, “o corpo torna-se uma extensão dos ideais de rebeldia, contestação política, social e religiosa que o rock [metal] sempre apregou” (MEDEIROS, 2004, p. 20).

Em dois filmes sobre a cultura *heavy metal*, o antropólogo e *healbanger* canadense Sam Dunn explorou todas as vertentes a respeito desse estilo musical, desde a história das primeiras bandas até chegar ao advento da globalização, enfocando como esse processo ajudou a disseminar cada vez mais o rock pesado. Em ambos os filmes, Sam Dunn foi protagonista, narrador e produtor, contando com a ajuda do co-produtor Scot McFayden. No primeiro documentário deste diretor, intitulado *Metal: A Headbanger's Journey* (Metal: Uma viagem de um *headbanger*), que estreou no ano de 2006, Dunn buscou a gênese desse estilo musical. Ele registrou que, na década de 1980, mas precisamente no ano de 1986, era esse o tipo de música mais escutada no mundo. Segundo Dunn (2006), a primeira banda de *heavy metal* foi o *Black Sabbath*, juntamente com o *Deep Purple* e *Blue Cheer*, que, no início da década de 1970, apareceram no cenário musical do rock com uma nova postura de palco e com um repertório que incluía a combinação inédita de elementos nas composições musicais e letras rebeldes em confronto com os padrões do rock e outros estilos que, até então, se

escutara. Para chegar a tal conclusão, Dunn entrevistou vários músicos do cenário do “metal” mundial, tais como: Tony Iommi (ex-guitarrista do Black Sabbath), Alice Coper (vocalista do Alice Coper), Bruce Dickson (vocalista do Iron Maiden), entre outros. Weistein (2000), socióloga com trabalhos publicados a respeito da temática, e Walsen (1993), musicólogo especialista em estudos sobre o tema, são entrevistados no decorrer do documentário e descrevem o cenário de fundamentação da cultura *heavy metal*.

As temáticas da violência e da religião perpassam os conteúdos das representações desses grupos e são evidenciados no decorrer do filme. A recorrente presença desses conteúdos nas letras das músicas de várias bandas caracteriza produções polêmicas, como por exemplo, letras que incitavam os jovens a cometerem suicídio. Esse tipo de conteúdo tem sofrido censura nos Estados Unidos e provocado a abertura de ações judiciais contra os compositores e cantores. Também foi alvo de movimentos religiosos, pois estes acreditam que o “metal” incita o culto ao demônio e às monstruosidades.

O segundo filme, chamado de *Global Metal*, lançado no ano de 2008, é uma continuação do primeiro filme, já mencionado. Nele, Sam Dunn retoma a abordagem do *heavy metal* no atual período em que se encontra a sociedade, analisando como o processo de globalização tem ajudado a disseminar essa cultura pelo mundo, destacando países como Brasil, Indonésia, Marrocos, Japão, China, Índia, entre outros.

Nesta trajetória, ele revela como a Internet e os meios de comunicação de massa são utilizados para divulgar esse estilo musical nos países supracitados. O cenário muda em relação a países do Oriente Médio que não permitem que o *heavy metal* seja escutado, a exemplo da China, onde o governo tenta controlar os tipos de música que entram no país, e do Irã, onde as autoridades políticas, militares e, sobretudo, religiosas, consideram o *heavy metal* um atentado à moral.

No Brasil, Dunn (2008) entrevistou alguns dos personagens mais expressivos do “metal” brasileiro reconhecidos nacional e internacionalmente. Rafael Bittencourt (guitarrista do Angra), Max Cavalera (ex-vocalista do grupo Sepultura) e Carlos Lopes (do grupo Dorsal Atlântica). Estes músicos relataram as dificuldades iniciais da trajetória ascendente do estilo musical desde sua chegada no país. Conforme disse Carlos Lopes, na entrevista a Sam Duun, na década de 1970, o Brasil passava por uma ditadura militar que duraria cerca de 25 anos, período que obstava a possibilidade de expressão de movimentos artísticos culturais com perfil contestatário. Isto aconteceu em relação ao punk. No ano de 1985, a ditadura acabou e, juntamente a esse fato, as bandas de “metal” brasileiro começaram a lançar seus primeiros

álbuns. Rafael Bittencourt colocou a dificuldade para conseguir instrumentos musicais bons no período da ditadura, pois “o mercado era fechado para os produtos que vinham de fora”.

Nesse período de fim da ditadura militar no Brasil, o *heavy metal* acompanhou a chegada da democracia e foi justamente a ela associado por começar a ter espaço no país através da mídia e das produções independentes de shows e discos. Naquele ano de 1985, aconteceu algo inédito no país: o festival denominado Rock in Rio, que contou, em sua primeira edição, com a apresentação de bandas de grande repercussão mundial, como Scorpions, Iron Maiden, Whitesnake, Ozzy Osbourne, dentre outros, e com um público surpreendente: 1.850.000 pessoas em dez dias de festival. Segundo a musicóloga Cláudia de Azevedo, entrevistada por Dunn, “foi a primeira vez que as pessoas souberam o que era ser *metalheads*” no Brasil. O Rock in Rio teve ainda mais duas edições, uma em 1991 (Rock in Rio II) e a outra em 2001 (Rock in Rio III). O sucesso do evento no Rio foi exportado para a Europa. A terceira edição, em 2004, aconteceu em Lisboa. As edições seguintes, de 2006 e 2008, também foram realizadas na capital portuguesa sendo que, nesta última edição, também aconteceu simultaneamente na Espanha.

Ao relacionar os depoimentos dos artistas entrevistados por Dunn no Brasil com a passagem anteriormente citada, de Janotti Junior (1998), a respeito do sentido da fragmentação nas letras e canções, vê-se que noções de liberdade e movimento são expressões que designam adequadamente esse estilo musical. É nessa perspectiva que cabe uma análise da identidade dos metaleiros e da construção do espaço.

O “metal” difundiu-se em todo o território nacional. Contudo, ainda que o mundo esteja mapeado e conectado em redes, há lugares onde os avanços sociais são mais lentos e o exercício da aceitação do outro ainda é precário. No interior do Ceará, ser moderno ainda apresenta dificuldades.

Como os metaleiros conseguem produzir seu próprio espaço? Como estabelecem relações entre si mesmos e com outras pessoas não-adeptas, em cidades do interior distantes da capital? É o que, aqui, tentaremos dar algumas pistas.

Identidade e espaço social: apontamentos para uma análise empírica

Falar de identidade e espaço social, na perspectiva que se propõe aqui, não é tarefa fácil, pois, é necessária uma articulação desses dois temas à temática do *heavy metal* de forma que a utilização de um arcabouço teórico interdisciplinar é de imprescindível importância para se ter uma construção teórica coerente e coesa a respeito do objeto que se pretende analisar.

Existem vários pensadores, das mais diversas áreas do saber, que já dissertaram sobre as categorias de espaço social e identidade, principalmente os geógrafos, antropólogos e sociólogos.

Para Lefebvre (2008), o espaço é um produto social e histórico, onde existe uma carga política e ideológica. O espaço é produzido pelo movimento da sociedade no decorrer de um processo histórico e através da reprodução das relações de produção, em que estas se apresentam como manifestações conflitantes.

É bem verdade que existe uma carga ideológica e política muito grande no espaço social, e isso é notório quando se percebe o papel das empresas e do poder público (seja ele a União, o Estado ou o Município) no que diz respeito à dominação do espaço. Contrariamente a isso, a apropriação do espaço social pelos atores sociais existe na tentativa de combater essa dominação, na perspectiva de que o espaço é um valor de uso que deve servir a todos, e não um valor de troca, como as empresas e o Estado querem.

Dessa forma, percebe-se que o espaço é hierarquizado como propôs Bourdieu (2003), ou seja, existe um domínio no/do espaço que acaba por hierarquizar o mesmo, distinguindo os atores sociais que nele se inserem.

Essa estrutura do espaço social, dividida, hierarquizada e dominada, é colocada da seguinte forma por Bourdieu.

A estrutura do espaço social se manifesta, assim, nos contextos mais diversos, sob a forma de oposições espaciais, o espaço habitado (ou apropriado) funcionando como uma espécie de simbolização espontânea do espaço social. Não há espaço, em uma sociedade hierarquizada, que não seja hierarquizado e que não exprima as hierarquias e as distâncias sociais, sob uma forma (mais ou menos) deformada e, sobretudo, dissimulada pelo *efeito de naturalização* que a inscrição durável das realidades sociais no mundo natural acarreta: diferenças produzidas pela lógica histórica podem, assim, parecer surgidas da natureza das coisas (basta pensar na idéia de “fronteira natural”). É o caso, por exemplo, de todas as projeções espaciais da diferença social entre os sexos (na igreja, na escola, nos lugares públicos e até em casa). (BOURDIEU, 2003, p. 160). (grifos do autor).

Quando se transpõe essas análises do espaço social do campo teórico para o campo prático, percebe-se que os metaleiros, por suas formas de vestimentas, sinais e símbolos que os distinguem dos outros grupos urbanos, são colocados de lado pela sociedade onde vivem e, em consequência, o espaço por eles frequentado e vivido é estigmatizado tanto quanto suas figuras. A partir desses “elementos visuais” que são os símbolos, objetos, práticas corporais dentre outras, é que a identidade “metaleira” se apresenta/representa. (FEIXA; PORZIO, 2008, p. 100).

Segundo os adeptos locais no campo dessa pesquisa, eles são estigmatizados, sobretudo, pela indumentária e por marcas corporais, mas também causa repulsa o tipo de música diferente comumente tida como barulhenta.

Segundo Goffman (1982), o estigma é uma imagem deteriorada em contraposição a uma imagem normal. As pessoas são consideradas e a outros consideram ora como normais, ora como estigmatizados. Para os metaleiros, essa dialética é recorrente: os que não aceitam o movimento, em sua generalidade, o percebem como fora da normalidade, mas para outros segmentos sociais eles são normais, na medida em que se inserem no ciclo de consumo de produtos de uso pessoal e serviços. Havendo, pois, uma estreita relação entre o espaço social construído e o percebido e representado.

É a sociedade que produz o espaço social, através da apropriação da natureza, da divisão do trabalho e da diferenciação. O próprio espaço físico é também construção do imaginário individual e coletivo. Poder-se ia dizer que a relação como o meio ambiente é mediatizada por representações. Existe aqui uma circularidade: constrói-se como se representa e representa-se como se constrói. (FERNANDES, 1992, p.62).

A localização, como espaço social, é um conceito aplicado para designar o campo das inter-relações sociais, de maneira que todo sistema de relações se inscreve num espaço onde se associam estruturalmente o lugar, o social e o cultural.

Em Bourdieu (2001), o espaço social apresenta-se como um campo de forças em que os agentes sociais se definem por suas posições relativas. Desta forma, o mundo social torna-se um espaço de relações construído de acordo com o posicionamento mútuo e com a avaliação que dele fazem os atores sociais. Esse conceito permite perceber que, entre os grupos culturais, há valorações próprias do campo, que geram uma hierarquia naquele espaço. No caso dos metaleiros, essas posições são conquistadas pelo reconhecimento de alguém pelo domínio do repertório dos músicos, pela indumentária e pela performance. O espaço como uma construção social, na perspectiva de Bourdieu (2001), é uma estrutura organizada pelos agentes sociais, moldando as ações desses mesmos agentes, que ele denomina de estrutura estruturada e estrutura estruturante. Nesse sentido, a identidade metaleira corresponde aos comportamentos sociais que estes assumem diante da sociedade (espaço social).

Para além dessa compreensão, pode-se considerar o grupo metaleiro como um fenômeno resultante, como entende Castells (2001), de um processo de transformação histórica, no que se refere aos avanços da tecnologia da informação, de uma sociedade em rede, em que a identidade é algo que se constrói dentro de um dado espaço, de um lugar.

Passa, então, a ser derivada, influenciada ou resultante do multiculturalismo disseminado pelos meios de comunicação e informação (televisão, rádio, internet entre outros). Num campo permeado por multiculturas, os metaleiros se constituem como uma das “tribos urbanas” que evidenciam “a metamorfose da condição juvenil na era digital” (FEIXA; PORZIO, 2008, p. 88). Destarte, com a modernidade, é instituída uma lógica pluralista no mundo, tanto no que se refere à desinstitucionalização da religião, o que leva ao surgimento de vários grupos religiosos, como também em relação a outros grupos, que se re-elaboram, se redefinem dentro desse novo espaço social criado pela modernidade.

(...) o avanço dos processos de democratização, se levou, por um lado, à disseminação das instituições da democracia liberal, provocou, por outro lado, a progressiva e conflitiva difusão de uma lógica pluralista, cujo efeito mais importante é abrir espaço para que a construção da diferença se dê através da afirmação de identidades (...). (BURITY, 2001, p. 29).

Idéias que pressupõem pluralismo e conflito (BURITY, 2001), constituem os espaços “metaleiros”, isto é, os assim distinguidos no Brasil formam grupos provenientes dessa lógica.

Embora não formem religião ou façam uma oposição declarada a esta, como uma reelaboração do social, eles são um fenômeno da modernidade e a ressignificação do espaço produzido por eles expressa oposição aos valores da sociedade onde o cristianismo é majoritário. Provavelmente, por isso, os ícones tatuados no corpo remetem à morte. Freud afirma que “o significado da civilização deve representar a luta entre Eros e a Morte, entre o instinto da vida e o instinto da destruição, tal como ela se elabora na espécie humana” (1974, p. 83), mas, se o indivíduo rejeita essa civilização tal qual ela se apresenta, ele adere a símbolos que se associam à morte e destruição: ícones com significado “anticristão”, caveira, cruz invertida, monstros, indumentária *dark*, com predomínio das cores: preto, roxo e vermelho, etc.

Configuração do espaço “metal”

Como o espaço e o tempo são as duas principais dimensões da vida humana, estando estes interligados na natureza e na sociedade, serão transformados sob o efeito combinado do paradigma da tecnologia e das formas de processos sociais induzidos pelo processo atual de transformação histórica. Tendo estes um significado, como Castells afirma:

Espaço é a expressão da sociedade. Uma vez que nossas sociedades estão passando por transformações estruturais, é razoável sugerir que atualmente

estão surgindo novas formas e processos espaciais. (...) O espaço não é reflexo da sociedade, é sua expressão (...) não é uma fotocópia da sociedade, é a sociedade. As formas e processos espaciais são constituídos pela dinâmica de toda a estrutura social. Há inclusão de tendências contraditórias derivadas de conflitos e estratégias entre atores sociais que representam interesses e valores opostos (CASTELLS, 2001, p. 435).

Esse novo fenômeno, abordado por Castells (2001), coloca os cientistas sociais, e também de outros campos, a repensar a idéia de lugar e espaço social como um forte e preponderante referencial de identidade e esta como produto das relações sociais em um dado espaço físico mediado pelo tempo. O avanço tecnológico, principalmente na área da informação, que é uma forma de interligação do mundo, influencia as culturas localizadas, ocasionando uma transformação, reelaboração e ressignificação de culturas que até então estavam situadas, territorializadas.

O gosto pelo *heavy metal*, principalmente entre jovens, pode ser colocado como resultante dessa transformação histórica, como exclama Castells (2001). Pois, a cultura “metaleira”, nas duas cidades cuja pesquisa está referendada, é algo que veio de fora para dentro, ambas as sociedades não possuem, nas suas bases culturais, características ligadas a esse estilo musical. Sobre isso, ele coloca que:

(...) as pessoas ainda vivem em lugares. Entretanto, a função e o poder em nossas sociedades estão organizados no espaço de fluxos. De forma que a dominação estrutural de sua lógica altera de forma fundamental o significado e a dinâmica dos lugares (CASTELLS, 2001, p. 450).

Por sua vez, isso ocasiona uma mudança no conceito de identidade e de alteridade, pois ocorre, olhando pela perspectiva desse autor, um deslocamento das noções de tempo e espaço.

A mobilidade resultante desse processo de multiculturalidade evoca mudanças na cidade e na sociedade contemporânea, cabendo aos cientistas sociais, bem como outros estudiosos da área de humanas, observar e tentar explicar as múltiplas velocidades que marcam a vida moderna. Pois, os lugares, enquanto espaço social identitário, se tornam paisagens móveis, pertencentes à mobilidade que se intensifica nos fluxos comunicacionais, apontando para a cidade, não como um espaço de cultura homogênea, mas sim, como resposta ao acelerado avanço da revolução técnico-científica, impacto que altera hábitos e costumes, o ritmo e a intensidade dos transportes, a comunicação e o trabalho (GOMES, 2004). Devido ao avanço da tecnologia eletrônica e digital, há uma modificação de modo contínuo e a cidade é obrigada a se redefinir. Daí a tese de que esse processo faz com que haja uma reelaboração e ressignificação do espaço social.

Nesse sentido, a partir de Castells (2001), podemos dizer que não existe uma teoria do espaço social que dê conta de todos os seus desdobramentos. Os lugares produzem efeitos que são uma realidade objetivada, estruturada, mas, ao mesmo tempo, recebem influência de um espaço maior, um espaço global disseminado.

Em oposição a essa idéia, Boaventura de Sousa Santos coloca que a intensificação da interdependência transnacional e das relações globais faz com que as relações sociais pareçam mais desterritorializadas, e, por outro lado, o desabrochar de identidades regionais e locais alicerçadas numa revitalização do direito às raízes (SANTOS *apud* GOMES, 2004).

Ao nos referirmos à identidade “metaleira” na construção de um espaço social, vendo esta como um fenômeno resultante desse processo de disseminação cultural global, não estamos negando a atuação desse grupo em dados espaços físicos, de possuírem até certo ponto uma identidade vinculada ao lugar especificado, o que está se colocando, é o fato de esta ser uma reelaboração identitária, uma reafirmação do sujeito social a partir de outros referenciais derivados desse novo momento, o desenvolvimento técnico-científico das telecomunicações que aproximam o mundo, provocam aculturação e impacto de culturas.

Falar do *heavy metal* implica necessariamente pensar esse movimento na sua matriz geradora de uma determinada produção musical. A sua gênese caracteriza um movimento não-conformista, que adota sinais exteriores de desprezo aos valores da sociedade, embora com práticas não necessariamente de provocação, como no caso do movimento *punk rock*. Também no campo dessa pesquisa, predomina irreverência e desconsideração para com os valores hegemônicos da sociedade, ainda que não sejam apresentadas representações consistentes de rejeição à sociedade global.

Não interessa, nesse estudo, valorar a cultura do “metal”, especialmente naquilo que possa ser considerado problema para parte da sociedade, mas sim, analisá-la na situação social como um todo, ou seja, como um grupo cultural que demanda espaço e reconhecimento, com cenários e atores envolvidos nos fatos que eles protagonizam. Não cabe, assim, fazer julgamento de valores.

Em Araripe (25 mil habitantes) e em Juazeiro do Norte (250 mil habitantes) os grupos adeptos da cultura do “metal” assumem uma identidade bastante diferenciada dos demais, dividindo os mesmos espaços sociais, e expressando a necessidade de afirmação social, ou seja, de aceitação, não só pelos demais grupos que formam a sociedade e o espaço urbano, mas também pelo Estado, no que se refere às políticas públicas voltadas para a juventude. Esta é uma questão problemática, porque tem surgido nas três últimas décadas uma grande diversidade de grupos urbanos, disseminados no rastro de uma lógica pluralista, a demandar

espaços e equipamentos sociais, ao passo que a relação entre eles não assume caráter harmônico, mas de conflito.

As práticas na aproximação empírica

Após entrevistas, observações e conversas com os “metaleiros”, tanto em Araripe como em Juazeiro do Norte, torna-se necessário inferir que, na busca pela construção de um espaço social, estes tendem a enfrentar algumas barreiras sociais, como o preconceito no que se refere ao diálogo com outros grupos.

Na cidade de Araripe, os “metaleiros” são formados por jovens entre quinze e vinte poucos anos, com exceção apenas do mais influente, um homem já de meia idade que, quando jovem, morou em São Paulo e que trouxe consigo, ao retornar para Araripe, o gosto pelo rock. Um “metaleiro” entrevistado disse: “eu passava pela frente do bar dele, ouvia a música tocando, aí gostei. Depois influenciei meu irmão também” (masculino, 22 anos, marceneiro, trabalhador do setor informal).

Aos poucos, esse estilo musical foi se estabelecendo na cidade e, mesmo não sendo um grupo pequeno, aproximadamente 30 indivíduos, nem suficientemente organizado, formalizado, são reconhecidos como grupo na cidade, principalmente quando estão caracterizados com indumentária ao estilo da classe. Entretanto, segundo palavras de alguns deles, o fato de se afirmarem e de serem identificados como tal, é algo um tanto complicado, pois a sociedade local não tem uma visão positiva deles. Em muitos casos, as pessoas pensam que são desordeiros, maloqueiros, bandidos, entre outras coisas (MEDEIROS, 2004), sendo isso uma das barreiras para o diálogo com outros grupos. Esse preconceito social faz com que eles se tornem um grupo fechado e reservado.

Como qualquer outro grupo urbano, os “metaleiros” têm suas práticas com idéias compartilhadas que os distingue. Reúnem-se nas casas uns dos outros e em locais fechados, onde ouvem música, bebem, assistem aos filmes, conversam sobre bandas, bem como se encontram para ir a shows juntos. O ambiente de uma casa se transforma num espaço de partilha e reconhecimento, como diria Martin Buber (*apud* TURNER, 1974), “no tu o eu se vê”. As situações práticas expressam valores e são vivenciadas como ritual que faz com que o grupo se renove e continue existindo. Dessa forma, Medeiros, em sua pesquisa sobre os “metaleiros” na cidade de Fortaleza, afirma que:

Nos shows, os jovens que lá freqüentam (sejam eles pertencentes ou não a bandas), expressam através da música, vestimentas, gestos, adereços e tatuagens uma forma de se diferenciarem dos demais; é um estilo constantemente construído e (re)construído por eles, conforme as modificações vivenciadas pelo rock ao longo dos seus 53 anos de existência. (MEDEIROS, 2004, p. 19).

Assim sendo, podemos inferir que, ao modificarem constantemente seu estilo, eles não só constroem ou (re)constróem uma forma de se distinguirem das demais tribos urbanas em termos de estética (FERREIRA, 2007), mas, concomitantemente, acabam por construir um espaço social pautado na “identidade metaleira” que os distingue dos demais grupos.

Eles assumem características e comportamentos peculiares a partir do momento em que se constituem como grupo, criam espaços de convivência, que, por não ser reconhecido, nem respeitado em Araripe, limitam-se ao interior das casas. Vivem naquela cidade, individualmente freqüentam ambientes públicos, entretanto, não se identificam com eles. Como exemplo disso, nesta cidade, há uma grande aglomeração de jovens que, no final de semana, mais especificamente na sexta-feira, se reúnem na praça central. O ambiente é precário. Jardins e bancos estão em péssimas condições. Esteticamente, nem um pouco atrativa. Contudo, os freqüentadores não dão importância a isto e vão ali com assiduidade, uns para ouvir forró, beber e dançar, outros para conversar, namorar, paquerar, rever pessoas. Os metaleiros também se fazem presentes, com práticas parecidas, tocando músicas, paquerando, conversando etc, mas neste lugar delineiam um espaço social. Demarcando, eles se posicionam mantendo-se segregados de interações intergrupais.

Os espaços públicos, ao serem apropriados por grupos distintos, tornam-se vários “pedaços” (MAGNANI, 1996). Cada pedaço é um lugar dos chegados, dos colegas. Ao chegar à praça, cada sujeito se dirige para um lugar específico, ali eles partilham as vivências, os gostos, as crenças e os valores. Mas a praça não é o “pedaço” dos “metaleiros” da mesma maneira como é para outros grupos. Naquela pequena cidade, não dá para se falar em homogeneidade na apropriação do espaço social e isto não ocorre por características de distinções sociais, como acontece com o *funk* no Brasil, que é mais praticado pelos segmentos de baixa renda. Os adeptos do “metal” estão em todas as classes sociais. O fato é que a sociedade é marcada por desdobramentos de uma grande diversidade de gostos, de estilos, de crenças e práticas numa realidade complexa e, ao mesmo tempo, conflituosa, em que cada grupo defende a sua forma de pensar e agir no mundo. Essa relação conflituosa, que perpassa as divisões de classes e ancora em identidades culturais, é uma situação especificamente

criada com a modernidade, e se faz presente no espaço urbano independente de suas dimensões.

Seguindo o exemplo de cidades pequenas interioranas, na cidade de Araripe, o “metal” constitui uma subcultura. Segundo os adeptos, eles são estigmatizados, sobretudo pela indumentária e marcas corporais, mas também causa repulsa o tipo de música diferente comumente tida como barulhenta. Por outro lado, de acordo com os depoimentos dos entrevistados, percebe-se que o grupo não está disposto a aceitar outros estilos musicais, bem como outros gostos muito distantes do seu, de forma que até mesmo integrar um grupo de apreciadores do forró, estilo bastante apreciado no Ceará como um todo, os incomoda. Diz um entrevistado: “Só vou pra festa de forró por causa das meninas”. Outro afirma: “Por não gostarmos de forró, até mesmo arranjar namorada fica difícil pra gente”.

A fala desses integrantes demonstra que estabelecer uma relação entre pessoas de gostos diferentes e valores distintos é algo que pode ser complicado, de maneira que não dá para falar sobre interação entre grupos num sentido geral. Pode existir coesão dentro do próprio grupo, mas nas relações intergrupais, o “outro” será o diferente do “eu” e dividir o mesmo espaço, físico/social, na prática, não implica em uma relação de tolerância. Nestes casos, pode haver uma disputa simbólica entre os grupos urbanos, expressando conflito de valores. O exemplo mais concreto é o dos grupos religiosos que afirmam serem mundanos os grupos com valores divergentes dos seus, ao passo que eles seriam os verdadeiros conhecedores da palavra de Deus, devendo resgatar os demais e encaminhá-los para o caminho certo.

Em Juazeiro do Norte, o processo não é diferente. Segundo os metaleiros locais, o *heavy metal* e os seus seguidores são mal vistos pela sociedade. Nos depoimentos a respeito da discriminação sofrida pelos metaleiros em Juazeiro do Norte, um entrevistado afirmou que o que existe mesmo é pré-conceito. Já que eles são pessoas como as outras, querendo viver a vida da maneira que melhor lhes convém: “As pessoas enxergam com maus olhos sem antes verem os valores individuais, sem conhecerem como realmente se relacionam uns com os outros, saberem a história e o que significa realmente ser um *headbanger*”.

Naquela cidade, o *heavy metal* inicia-se no início da década de 1990, mais precisamente em 1992, com a formação da banda StormBringer, formada por Wilsinho, Michel Macedo e Hermocélio – os componentes da banda também foram os primeiros adeptos do estilo musical, segundo as entrevistas – que mais tarde, ainda no mesmo ano, passaria a se chamar Glory Fate e que existe até hoje, mas apenas com Michel Macedo

remanescente da StormBringer. Os outros integrantes da Glory Fate são Markim (Vocal / Guitarra), Victor Marciel (Baixo) e Remy Oliveira (Bateria).

Pelo fato de Juazeiro do Norte ser uma cidade grande e mais desenvolvida que as outras do interior cearense, o *heavy metal* tornou-se mais difundido nela. Os *headbangers* / metaleiros tem mais acesso às músicas, CDs, DVDs, indumentária, espaços e, também, por já terem sediado vários shows de “metal”.

Além da banda StromBriger, na década de 90, outro acontecimento fez com que o *heavy metal* ficasse de vez na cidade, sedimentando uma identidade com um estilo musical diferente naquela época para a cidade. Trata-se da instalação, em 1993, do Porão Rock local, que é uma loja especializada em produtos de rock: camisetas, CDs e DVDs, e que foi fundamental para a instalação do *heavy metal* na cidade de Juazeiro do Norte. Nas palavras de um metaleiro entrevistado, “serviu como alicerce para o movimento *heavy metal*”

A importância do Porão Rock é imensa para a construção de um espaço social pautado na identidade metaleira, uma vez que ele tem sido o ponto de encontro de muitos *headbangers*, que ali vão adquirir produtos, mas, principalmente, conversar, escutar músicas, atualizarem-se e fortalecerem suas referências identitárias. O Porão Rock existe até hoje, fomentando o “metal”, com o apoio a bandas locais do estilo e com organização de eventos que têm importância no Nordeste. Um desses eventos é o Throne of Metal, que está na XIII edição e já trouxe bandas de renome internacional do cenário *heavy metal* para Juazeiro do Norte, destacando-se entre elas o Crision (do Rio Grande do Sul), o Nevorchaos (de São Paulo) e o Almah (de São Paulo). No dia 28 novembro do ano de 2009 ocorreu a produção de show da mais renomada banda brasileira de “metal”, o Sepultura.

Destarte, percebe-se que o “metal” é um estilo musical que tem ganhado força nas cidades de Araripe e Juazeiro do Norte ao longo dos anos, seja por influência de amigos que trouxeram o estilo de outras cidades, como também pela formação de bandas e a criação de pontos de encontro, onde os *headbangers* mantêm interações sociais e espaços de sociabilidade.

Percebe-se que, mesmo com o preconceito que eles sofrem, isto não os impede de constituir uma identidade. Eles adquiriram noções e referenciais para viverem no estilo *heavy metal*. Em consequência, a construção de um espaço social vai sendo feita paulatinamente, mesmo com todas as dificuldades, preconceitos e estigmas oriundos de grupos religiosos e tradicionais. O espaço social está sendo construído a partir das relações de sociabilidade intergrupais alimentadas pelo processo de globalização. O aumento da quantidade de

headbangers significa um crescimento do movimento estruturado em grupos locais, que se conectam a um movimento mais amplo, sedimentando a identidade “metaleira”.

Considerações Finais

Desde o seu aparecimento, no final da década de 60, até a atualidade, o *heavy metal* vem sendo cada vez mais escutado pelas pessoas. Uma nova legião de fãs tem surgido paralelamente a uma grande diversidade de subgêneros do “metal”.

O espaço social vem sendo construído no decorrer do tempo, apesar das dificuldades e preconceitos sofridos pelos *headbangers*. As suas práticas são alvo de estigmas, desde as vestimentas e indumentárias até as formas de comunicação, o que os caracteriza como “pessoas diferentes”. Diante disso, a identidade torna-se um poderoso aliado para enfrentar essas dificuldades que são colocadas pelos outros grupos urbanos, pois, cada vez mais esses preconceitos reforçam os *headbangers* a se assumirem como tais, com uma identidade “metaleira”.

No processo de multiculturalidade, a lógica pluralista surgida com a modernidade, a expansão das cidades e o desenvolvimento técnico-científico das telecomunicações, aliado ao processo de globalização, fez com que muitos valores arraigados fossem “sacudidos”, revistos e transformados pelos novos grupos urbanos. Como em toda mudança social, alguns valores desaparecem, outros (re)surgem, de forma que essas mudanças não são compreendidas, nem aceitas, pela sociedade nos primeiros instantes. Lidar com a diferença ainda é algo difícil e conflituoso. É um desafio para as sociedades, no seu processo de desenvolvimento, propiciar a manifestação do novo divergente e, paradoxalmente, conviver com o fato de que a sociedade não é espaço da homogeneidade, mas sim, da diversidade nas várias práticas enunciadoras dos distintos e diversos pontos de vista que permeiam a vida humana.

Referências

ARNETT, J. **Metalheads**: heavy metal music and adolescent alienation. Boulder: Westview Press, 1996.

BERGER, Harris M. **Metal, Rock and Jazz**: perception and the phenomenology of musical experience. Hannover: University Press of New England, 1999.

BOURDIEU, Pierre. Efeitos de lugar. In: ____ (org). **A miséria do mundo**. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

____. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2001.

BURITY, Joanildo. Religião e política na fronteira: desinstitucionalização e deslocamento numa relação historicamente polêmica. **Revista de Estudos da Religião**, nº. 4, p. 27-45, 2001.

CASTELLS, Manuel. O espaço de fluxo. In: _____. **A sociedade em rede**. 5. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2001, v. 1, p. 403-455

CARDOSO FILHO, J. L. C. **Caos, peso e celebração: uma abordagem do heavy metal a partir da noção de gênero midiático**. In: XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2005, Rio de Janeiro, p. 01-14.

DUNN, Sun. **Metal: a headbanger's journey**. [Filme-vídeo] Produção e direção de Sam Dunn, DVD, 2006, 94 min. Color. Son.

_____. **Global metal**. [Filme-vídeo] Produção e direção de Sam Dunn, DVD, 2008, 95 min. color.

FERNANDES, António Teixeira. Espaço social e suas representações. In: **VI Colóquio Ibérico de Geografia**, Porto, 1992.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Aurélio século XXI / digital**. São Paulo: Nova Fronteira, 2009. Verbetes consultado: metaleiro.

FERREIRA, Vitor Sérgio. A expressão estética as marcas corporais em contextos de neotribalismo juvenil. In: PAIS, José Machado (Coord.). **Tribos urbanas: produção artística e identidades**. Lisboa: ICS/ Imprensa de Ciências Sociais, 2007.

FEIXA, Carles; PORZIO, Laura. Um percurso visual pelas tribos urbanas em Barcelona. In: PAIS, José Machado. (Coord.). **O visual e o cotidiano**. Lisboa: ICS/ Imprensa de Ciência Sociais, 2008.

FREUD, Sigmund. **O mal-estar na civilização**. Rio de Janeiro: Imago, 1974.

GOMES, Renato Cordeiro. A cidade como arena da multiculturalidade. In: **E-compós**, Salvador, v. 1, p. 1-15, 2004.

GOFFMAN, Erving. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. 4. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

JANOTTI JUNIOR, J. S. 666 The number of the beast: alguns apontamentos sobre a experiência simbólica no heavy metal. **Textos de cultura e comunicação**, Salvador, v. 39, n. 39, p. 97-112, 1998.

LEÃO, Tom. **Heavy metal: guitarras em fúria**. São Paulo: Editora 34, 1997.

LEFEBVRE, Henri. **A revolução urbana**. Belo Horizonte: UFMG, 2008.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. Quando o campo é a cidade: fazendo antropologia na cidade. In: ____ (org.). **Na metrópole: textos de antropologia urbana**. São Paulo: EDUSP, 1996, p. 15 – 53.

MEDEIROS, Abda de Souza. **O espetáculo dos “metaleiros” em Fortaleza: cenários e encenações corporais**. Fortaleza: UFC, 2004.

SIMMEL, Georg. **Sociologia**. Organizador da coletânea: Evaristo de Moraes Filho. São Paulo: Ática, 1983.

WALSEN, Robert. **Running with the devil: power, gender and madness in heavy metal music**. Hannover/London: Wesleyan University Press, 1993.

WEINSTEIN, Deena. **Heavy metal: the music and its culture**. New York: De Capo, 1991/2000.

TURNER, Victor. **Liminaridade e comunitas**. O processo ritual: estrutura e antiestrutura. Petrópolis: Vozes, 1974.